

ARTUR DA TÁVOLA

Algumas falhas de 'O astro'

Um não gostou do assassino, o outro não gostou do final e tome discussão a respeito das decisões inapeláveis da deusa Janes (Janete Clair) sobre a vida e a morte dos seres do seu universo.

Ninguém gosta de fim de novela. Nem da decisão de um autor sobre quem é o assassino. Cada telespectador tem a sua solução para o impasse, a seu modo, segundo o seu temperamento. Cada pessoa que supôs ser outro o assassino é alguém que deixa de gostar da solução do autor. Fica contra. E até um final criativo e cheio de ironia e crítica social às rudimentares estruturas políticas latino-americanas, parece ruim ao público.

Apesar de o dado policial (quem matou Salomão Hayalla?) ter sido um dos ganchos mais poderosos, da obra, tendo parado o Brasil e dado até manchete de jornal no dia da revelação (vitória formidável de Janete Clair), na parte da história policial, "O Astro" falhou muito.

● O que caracteriza o desfecho das grandes novelas policiais é uma certa lógica que leva ao assassino. O romance, a novela, o caso, são, então, um raro e penetrante exercício lógico, uma forma dramatizada de jogo de raciocínio dedutivo. Em "O Astro" tal não se deu. Tratava-se de "escolher" o assassino. Qualquer assassino que Janete escolhesse, teria a mesma chance de ser o autor da morte de Salomão Hayalla. Não foi, portanto, como nos policiais de boa qualidade, uma dedução inevitável. Foi uma adivinhação. Por isso gerou adeptos desse ou daquele, frustrando à maioria. A decepção não foi por ser o Felipe. Qualquer assassino escolhido daria a mesma frustração. Ela adveio do fato de ser escolha em vez de dedução lógica, verossímil.

● Janete declarou à Rádio Globo que sempre teve o assassino escolhido. Pode ser.

Mas a novela fez questão de deixar várias pessoas em igual nível de suspeição. Assim sendo, o público foi levado à dúvida, uma dúvida que obteve resposta casual e não lógica. Não foi dedução, foi adivinhação e isso é má técnica na novela policial. Frustrou porque excitou o esforço dedutivo do público para depois responder com uma escolha arbitrária.

● Outro ponto falho, dever do cronista destacar diante do rol de acertos da telenovela, foi toda aquela turma do Felipe. Com exceção da Marília Barbosa e do rapaz cabeleireiro, o Henri (o nome do ator é José Luis Rodi), atores de alguma tarimba, as cenas daquele grupo estiveram pra lá de Marrakesh, nível de teatro amador, falsíssimo, inverossímil, mal dirigido, mal representado, muito ruim.

● Por primeira vez em toda a história de telenovelas não gostei da cenografia de Mario Monteiro, um bamba na sua especialidade. Se o Herculano era cafona, vá lá, mas a Amanda não era. Ela jamais moraria numa casa com aquela poltrona verde relva... Além disso, depois que o Herculano prosperou junto aos Hayalla, a novela sempre o mostrou classudo, distinto. E quem era distinto daquele jeito e se vestia

assim elegante, jamais decoraria a sua casa daquele jeito, nem viveria num quarto tão apertado como o que a cenografia arranjou para ele e Amanda. Vai ver até que foi por isso que não deu certo. Há potros e potrancas que precisam de espaço, não é mesmo?...

● Outro ponto que as novelas precisam cuidar é o do português que está sendo falado. Não sou a favor de falas duras, vernáculos, chatas, não coloquiais. Topo até o tratamento tu e você, na mesma frase, tão corriqueiro que vai acabar se transformando em correto com o correr do tempo. Mas a colocação dos verbos anda errada demais! Parece que os atores não sabem o que é a terceira pessoa. A Elizabeth Savalla, então, não coloca um verbo na terceira pessoa. Chega a ser torrencial o volume dos erros nessa construção. Um pouco mais de cuidado aí não fará mal algum, mantendo, é claro, a descontração do falar. Mas falar coloquial não é falar ignorante e a concordância (pelo menos esta) do sujeito com o verbo em "O Astro", foi catastrófico.

● A apontar ainda certas falhas no guarda-roupa, ou certos descuidos muito comentados, já, pela imprensa. Como Samir, o ricaço só usar um terno. O desenho original de Kalma Murtinho para a novela foi excelente! Depois parece que o Daniel Filho (é difícil, o rapaz) desentendeu-se com ela e essa grande figura do teatro brasileiro, talento, fidalguia e competência, preferiu ir embora. Não houve queda nos desenhos pois parece que ficou Marília Carneiro, outra bamba. Mas houve descuidos de continuidade e um tom geral sóbrio de roupas que contrastou muitas vezes com o restante da novela.

● Da outra falha, esta constante nas obras de Janete, já falei muito ao longo dos comentários anteriores: o da mudança geral de comportamento dos personagens. Da Lili barbeira do começo para aquela jovem mamã que andava aos pulinhos (andar de "eu não sou uma gracinha"?) ao final, vai um abismo!

● Amanda passou por transformações espantosas. O Allan, bem o Allan nem um débil mental teria as reações que aquele homão, bancando o garoto, tinha. A Laurinha? Janete ensaiou três personalidades para ela. Mas tudo isso pertence ao território mágico e mítico e já vimos que do ponto de vista da eficácia do folhetim não tem a menor importância.

● A cena do crime, exibida quinta passada, com lente fechada e tudo muito rápido e mal realizado (aquela pancada não mataria ninguém...) para não mostrar as imperfeições, inclusive a barba de cabelinhos colados de "Felipe" desapontou.

Tais falhas nem de longe ameaçaram as causas preponderantes do sucesso da obra, analisadas exaustivamente pelo mestre aqui em vários artigos anteriores. Preciso, pois, dizer, que o trabalho geral de direção de Gonzaga Blota é digno dos maiores elogios. Em todas as cenas capitais, dramáticas, fortes; no desenho geral da tipologia adotada pelos personagens, a Direção de Gonzaga Blota só fez ratificar o que dele sabemos: um grande Diretor.